

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA - CAV
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA - PROFBIO**

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS CASTELO BRANCO

**PROTAGONIZANDO A APRENDIZAGEM SOBRE SEXUALIDADE HUMANA E
COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO, UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO**

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2022**

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS CASTELO BRANCO

**PROTAGONIZANDO A APRENDIZAGEM SOBRE SEXUALIDADE HUMANA E
COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO, UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Mestrado – TCM
apresentado ao Mestrado Profissional em
Ensino de Biologia em Rede Nacional –
PROFBIO, do Centro Acadêmico da Vitória –
CAV, da Universidade Federal de Pernambuco
– UFPE, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Simone do
Nascimento Fraga

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2022**

Catálogo na Fonte
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

B816p Branco, André Luiz dos Santos Castelo.
Protagonizando a aprendizagem sobre sexualidade humana e comportamento sexual de risco, uma proposta de sequência didática para o ensino médio / André Luiz dos Santos Castelo Branco. - Vitória de Santo Antão, 2022.
64 f.; il.

Orientadora: Simone do Nascimento Fraga.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em rede Nacional - PROFBIO, 2022.
Inclui referências e apêndices.

1. Educação sexual. 2. Ensino de ciências. 2. Sequência didática.
I. Fraga, Simone do Nascimento (Orientadora). II. Título.

372.372 CDD (23. ed.) BIBCAV/UFPE - 002/2023

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS CASTELO BRANCO

**PROTAGONIZANDO A APRENDIZAGEM SOBRE SEXUALIDADE HUMANA E
COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO, UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia do Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Aprovada em: 30/08/2022

Participação por Videoconferência

**Orientadora: Dr.^a Simone do Nascimento Fraga
Universidade Federal de Pernambuco**

BANCA EXAMINADORA:

Participação por Videoconferência

**Dr.^a Simone do Nascimento Fraga
Universidade Federal de Pernambuco**

Participação por Videoconferência

**Dr. Cristiano Aparecido Chagas
Universidade Federal de Pernambuco**

Participação por Videoconferência

**Dr. Alexsandro dos Santos Machado
Universidade Federal Rural de Pernambuco**

Instituição: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
Mestrando: André Luiz dos Santos Castelo Branco
Título do TCM: Protagonizando a Aprendizagem Sobre Sexualidade Humana e Comportamento Sexual de Risco, uma Proposta de Sequência Didática para o Ensino Médio.
Data da defesa: 30/08/2022
<p>“Quando jovem, nunca havia me imaginado lecionando. Mesmo após começar a estudar no curso de licenciatura lembro ter comentado com um amigo que aquilo ali seria apenas um breve momento na minha história e que logo eu iria para outro curso. Porém, tudo mudou quando ainda no segundo período fui pela primeira vez à sala de aula e, quando lecionei a amigos que haviam atrasado seus estudos e, ao invés de concluírem o ensino médio comigo, agora eram meus alunos. A partir daquele dia percebi que mesmo que viesse a fazer outro curso, provavelmente eu o faria para abrir outras portas para lecionar para segmentos que estão fora do meu campo de conhecimento. Apesar dessa paixão que me tomou e ainda me toma, e de tantas falas como “homem para de ficar querendo dar aula com retroprojeto, isso acaba te deixando mal visto pelos colegas e fica parecendo que você quer aparecer”. “Quando tiver 20 anos de sala de aula isso muda!”. Percebi que a paixão mudou sim, ela só aumentou, que realmente eu queria e quero aparecer, mas para os meus alunos, para poder fazer essa ponte que fica cada vez mais difícil de ser construída entre o educando e o conhecimento. E mesmo por mais que fizesse ou buscasse, sentia que faltava um pouco mais de método no meu fazer. O Programa de Mestrado Profissional em Biologia – PROFBIO, proporcionou o preenchimento desta lacuna, me apresentando técnicas das quais muitas delas ainda não tenho o domínio, mas me deu a consciência daquilo que preciso fazer para me tornar um professor melhor. Mesmo diante de tantas dificuldades apresentadas pelo momento vivenciado pela humanidade, mesmo com as questões de saúde que acometeu a mim e minha família em meio a esta pandemia e curso, tudo isso só me trouxe mais força, vontade e determinação para continuar, para chegar ao fim e, claro, abriu meus olhos para um mundo de possibilidades na forma de levar ao meu aluno o real protagonismo e efetivo aprendizado, não como predicado, mas sujeito de sua história, levando a educação a outro patamar de efetividade.”</p>

À minha mãe Célia Bezerra dos Santos

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora e amiga Simone do Nascimento Fraga, pelos conselhos, ensinamentos, apoio, cuidado, dedicação, assistência e compreensão durante todo o curso.

Aos meus pais Raimundo Bartolomeu Castelo Branco e Silva (*in memoriam*) que sei que olha por mim de onde estiver, e à Célia Bezerra dos Santos, pelos incansáveis esforços para priorizar meus estudos e torcer a todo momento pelo meu sucesso.

À minha amada esposa Crislane Campos por seu apoio e paciência ao longo de toda nossa caminhada, não só do curso.

À minha irmã Tarciana Castelo Branco e ao meu sobrinho Yuri Castelo Branco, pela força nos momentos difíceis.

Aos demais familiares por compreenderem minha ausência e falta de atenção em alguns momentos.

Ao meu eterno mestre Péricles Tavares, que me iniciou na vida acadêmica há tantos anos e me acompanhou em grande parte da minha jornada.

À equipe gestora da EREM Arnaldo Assunção, nas pessoas de Débora Adelane e Maria do Socorro, por vossa disponibilidade e apoio.

Aos meus amigos de trabalho que foram tão compreensíveis em minhas ausências para a concretização de mais esta conquista.

Aos meus companheiros rotarianos e irmãos maçons pelo incentivo e compreensão em tantos momentos.

Aos amigos que conquistei, pela amizade que foi fundamental para suportar as coisas da vida.

À coordenação e corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia pelo UFPE, pela competência e cooperação para a concretização do curso.

À todos os colegas do mestrado da turma de 2022, por tantos momentos felizes e marcantes que me propiciaram no decorrer destes dois anos e meio, pela imensa amizade construída e ricas contribuições para meu crescimento pessoal e profissional, em especial ao meu grupo de trabalho ao longo de todo o curso.

À escola EREM Arnaldo Assunção, gestão, coordenação, professores e alunos pela disponibilidade e contribuições significativas para a realização desse estudo.

Agradeço especialmente ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), pois participar como discente foi uma oportunidade ímpar, incrível e muito gratificante, que contribuiu significativamente em minha formação e para meu crescimento pessoal e profissional, por proporcionar uma visão mais abrangente sobre as questões teóricas e práticas de minha profissão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E finalmente, a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram positivamente para a concretização desse ideal, meu muito obrigado.

*“Não há saber mais ou saber menos: há
saberes diferentes”*

Paulo Freire

RESUMO

A educação sexual sempre foi tida como um tabu tanto na sociedade em geral como nas escolas, em uma, pelas questões de costumes relacionadas à religião e à educação familiar e, na outra, devido ao receio por parte de alguns educadores de se tocar em determinados assuntos, o que acaba fazendo com que aulas relacionadas ao tema sejam focadas em seu viés conceitual, levando os estudantes a ficarem imersos em um mundo cheio de informações, mas quase sempre sem nenhuma formação sobre comportamentos sexuais de risco, podendo deixá-los expostos a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e/ou gravidez na adolescência. Sendo assim, os professores que se propõem a trabalhar de maneira mais profunda precisam escolher estratégias que busquem a efetivação de uma ação educativa mais focada no desenvolvimento da responsabilidade, do protagonismo e da autonomia dos estudantes. Desta feita, o presente trabalho tem como objetivo propor uma sequência didática (SD) que faz uso de alguns recursos metodológicos como Sequência Didática Interativa (SDI) e roda de conversa para a construção coletiva do entendimento de temas como comportamento sexual de risco e gravidez na adolescência, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes e contato com profissionais da área de saúde e de pessoas que experienciaram uma gravidez na adolescência. Espera-se, desta forma, que esta proposta possibilite atitudes mais positivas dos educandos acerca de sua saúde sexual.

Palavras-chave: adolescência; educação sexual; gravidez na adolescência.

ABSTRACT

Sex education has always been seen as a taboo both in society and schools in general. On one hand, due to traditional issues related to religion and family education. On the other hand, some educators fear discussing certain matters. It makes classes related to the topic focus on its conceptual understanding, immersing students in a world full of information, but almost always without any knowledge of risky sexual behaviors, which can result in Sexually Transmitted Diseases (STIs) and even teenage pregnancy. Therefore, teachers who propose to work more deeply must choose strategies that seek to carry out an educational action more focused on the development of responsibility, protagonism, and student autonomy. This time, the present work aims to propose a didactic sequence (DS) that makes use of some methodological resources such as the Interactive Didactic Sequence (SDI) and dialogue circles for the collective construction of the understanding of issues such as risky sexual behavior and pregnancy in women, based on the student's prior knowledge and contact with health professionals and people who have experienced teenage pregnancy. Consequently, this proposal is expected to allow students to have more positive attitudes about their sexual health.

Keywords: adolescence; sexual education; teenage pregnancy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Círculo Hermenêutico-Dialético – CHD1.....	23
Figura 2 – Demonstrativo de uma SDI.....	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas da SD.....	30
-------------------------------------	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	MARCO TEÓRICO	14
2.1	SEXUALIDADE HUMANA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	16
2.2	MUDANÇAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DE BIOLOGIA.....	19
2.3	SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA (SDI) E O CÍRCULO HERMENÊUTICO DIALÉTICO (CDH).....	22
3	OBJETIVOS	26
3.1	OBJETIVO GERAL.....	26
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	26
4	METODOLOGIA	27
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
4.2	PLANEJANDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)	27
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
5.1	PROPOSTA DE REALIZAÇÃO DA SD.....	30
5.2	SEXUALIDADE HUMANA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO: UM OLHAR ACERCA DAS ATIVIDADES SUGERIDAS.....	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE A – Sequência didática	48
	APÊNDICE B – Questionário 1 – Q1	52
	APÊNDICE C – Questionário 2 – Q2	61

1 INTRODUÇÃO

A adolescência, segundo a lei 8069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), é a fase em que acontece a puberdade, compreendida entre os 12 e os 18 anos de idade, sendo caracterizada por transformações biológicas, psicológicas e sociais, é uma das fases mais vulneráveis da vida, quando ocorrem diversas maneiras de interação social (SILVA *et al.*, 2019).

O início da vida sexual de crianças e adolescentes tem ocorrido cada vez mais cedo como consequência das transformações na vida sociocultural vivenciada nas últimas décadas, corroborando para uma alteração do padrão de comportamento social e sexual durante esta fase da vida (BRASIL, 2010). Para Nunes (2005), a sexualidade pode ser entendida como experiências acumuladas ao longo da existência, que se desenvolve no dia a dia, de acordo com a cultura, sendo assim um fenômeno complexo, subjetivo relacionado ao sexo.

Nesse sentido, a busca do bem-estar, do afeto, da cumplicidade, do prazer, por meio de pensamentos, sentimentos e atitudes, bem como as práticas sexuais, podem ser vistos como expressão da sexualidade através de atitudes e representações tanto individuais quanto sociais (TUCKMANTEL, 2011).

O aprofundamento em estudos e investigações acerca da vida em sociedade demanda, no campo da educação, o compromisso dos educadores com um paradigma de escola democrática, caracterizada pelo espaço dialógico, promovido por relações humanas éticas e inclusivas (VIVALDI, 2020). A escola tem como função oferecer programas educacionais de excelente e gradativa qualidade, no seu âmbito de operação, que maximizem todas as habilidades dos alunos e os capacite para enfrentar os desafios de um planeta em constante mudança, para continuar sua própria educação e para conviver em cidadania (MEZOMO, 1994).

Neste contexto, as escolas são ambientes favoráveis para os adolescentes fazerem seus questionamentos e dirimirem dúvidas relacionadas à sexualidade, além de ser um espaço propício ao estabelecimento de uma educação preventiva para este grupo etário, sobretudo quando se trata de uma construção coletiva de percepções sobre a diversidade (MOIZÉS; BUENO, 2010).

No entanto, na adolescência, a abordagem sobre a sexualidade promovida pela escola abrange, geralmente, aspectos do componente biológico em seu viés conceitual, com foco na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez precoce e/ou indesejada (MIRANDA; ALVES, 2020).

Ao definirem a Educação Sexual como uma de suas competências, as instituições de ensino necessitam que este tema esteja incluso ao seu projeto político pedagógico, fazendo com que sejam desenvolvidos princípios norteadores da temática no ambiente escolar (BRASIL, 1998).

O termo “educação sexual” é, ainda hoje, objeto de múltiplos entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e consequências. Fala-se em educação sexual e informação sexual; fala-se em educação sexualizada, fala-se ainda em educação sexual e educação afetivo-sexual. Ora se encara a educação sexual como um processo marginal à construção da identidade sexual, ora se aponta aquela atividade como elemento essencial na reforma dos costumes (RODRIGUES; FONTES, 2002).

Apesar do que era encontrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador mais recente que orienta os currículos dos sistemas e redes de ensino, bem como as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas do país, não mais consta os termos “Orientação sexual” e “Gênero”, além de ter sido extinta a abordagem dos temas relacionados à educação sexual nas séries iniciais, o que pode acarretar em um maior desinteresse por parte das escolas sobre o tema (FERNANDES; LORENZETTI, 2019).

Diante deste cenário, entretanto, o debate tem se mostrado cada vez mais necessário, bem como a necessidade de se buscar novas formas de abordagem para as questões ligadas à sexualidade na escola, para que não se deixe tal tema, tão importante para a vida como um todo, ser esquecido ou banalizado.

A educação, de uma maneira geral, enfrentou o desafio de se adaptar às novas condições de ensino, não só em decorrência da pandemia da COVID-19, mas também dada a velocidade como os atores do ensino-aprendizagem e do conhecimento tem mudado nos últimos anos.

O conceito de sala de aula de que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor, há muito já foi superado. É preciso perceber que, não somente os professores detêm e socializam o conhecimento com o seu aluno, mas ele, o aluno, também é capaz de ensinar algo novo aos seus professores, dada a facilidade com a qual acessam informações e conhecimentos pela internet, ao mesmo tempo que aprendem com ele.

Neste sentido, é importante refletir que os educandos descubram que eles mesmos também têm responsabilidades sobre sua aprendizagem e que não podem esperar passivamente que o professor tenha todas as respostas e ofereça todas as soluções (MOTA, 2017).

Diante de um horizonte em que informações/conhecimentos não chegam aos alunos apenas por intermédio do professor ou do livro didático, exige-se daqueles que ensinam uma atualização nos modos de acessar e ressignificar o conhecimento em sala de aula. Uma possibilidade que vem se desenhando mais fortemente nas últimas décadas é a de promover propostas político-pedagógicas voltadas a uma formação humana dos sujeitos, pautada na criticidade e na solidariedade.

Por isso, é importante que haja iniciativas que oportunizem experiências de protagonismo aos estudantes, o que atende às formas contemporâneas de produção dos conhecimentos e do desenvolvimento de aprendizagens mais significativas (SILVA, 2009). Nesse sentido, escolher estratégias que busquem a efetivação de uma ação educativa mais focada no desenvolvimento da responsabilidade, do protagonismo e da autonomia nos estudantes, e que incitem a reflexão-crítica dos participantes, sejam eles os facilitadores ou os integrantes dessa intervenção, é essencial à uma educação mais cidadã e humanizada.

Para uma intervenção didática mais bem planejada que possibilite a abordagem dos conteúdos relativos à sexualidade humana e ao comportamento sexual de risco e, de modo especial, ao tema gravidez na adolescência, optamos por organizar as aulas em uma sequência de situações de ensino, configurando uma Sequência Didática (SD). As SDs são instrumentos desencadeadores das ações e operações da prática docente em sala de aula (GUIMARÃES; GIORDANO, 2013).

Segundo Zabala (1998), a SD é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, com princípio e fim determinados, tanto pelo docente quanto pelo estudante. A SD proposta tem como contexto metodológico o ensino híbrido atrelado ao uso de uma ferramenta voltada ao estabelecimento de diálogos e discussões em grupo, em que os participantes podem analisar e ponderar sobre diferentes pontos de vista (OLIVEIRA, 2005).

A utilização de sequência didática dessa prática tem se mostrado de grande valia no contexto educacional, uma vez que faz com que o educando possa efetivamente refletir sobre os temas propostos, além perceber em cada estágio da SD a evolução dos conceitos envolvidos e sua aplicação no dia a dia.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 SEXUALIDADE HUMANA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

De acordo com a OMS (2016), a sexualidade pode ser entendida como uma força que motiva o indivíduo a ir à busca de contato, de calor humano, de sentimentos como afeto, amor, carinho e ternura, e está interligada e interfere diretamente na maneira como o ser humano se sente, se move, se toca e é tocado. A vivência da sexualidade está presente em todas as fases da vida de mulheres e homens, começando no nascimento, estendendo-se até o momento da morte (MACEDO *et al.*, 2013). Para além disso, ela exerce forte influência sobre os pensamentos, as interações e relações, influenciando, por sua vez, a saúde física e mental do indivíduo (CORTES *et al.*, 2021).

Em todas as fases da vida, e na adolescência em especial, a sexualidade toma para si grande parte da preocupação não só individual, mas social e acadêmica (MORAES, 2018). A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano em continuidade ao processo dinâmico da evolução, a qual é evidenciada por grandes transformações, tais como o crescimento biológico e as mudanças psicossociais e cognitivas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Discussões acerca da sexualidade são de extrema relevância, pois a insegurança dos adolescentes quanto a esse tema, associada à falta de informação, ainda prevalece, até mesmo, nos dias atuais. Diante dessa constatação, torna-se mister assumir compromissos educativos com a supracitada pauta, ou seja, torna-se urgente e necessário possibilitar ou fortalecer uma aproximação entre adolescentes e adultos de referência (professores/responsáveis e profissionais da saúde) a fim de reduzir as vulnerabilidades às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), à gravidez não planejada, ao aborto inseguro, pois, é no decurso dessa trajetória que o adolescente passa por mudanças e enfrentamentos sociais que poderão repercutir em sua vida, dependendo do contexto em que esteja inserido.

Em sua última edição, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), que foi realizada em 2019, observa-se que, apesar da região Nordeste possuir o menor índice de jovens entre 13 e 17 anos que tiveram relações sexuais alguma vez (33%), esta região é a região com menor percentual dentre as regiões brasileiras a receber orientação na escola sobre prevenção de gravidez (73,4%) ou orientação sobre AIDS, sigla em inglês para a Síndrome da

Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome), ou outras doenças sexualmente transmissíveis (80,4%) (IBGE, 2019).

No ano 2000, Saito e Leal já destacavam a importância de uma formação voltada para educação sexual, indicando alguns fatores de risco em relação ao exercício da sexualidade na adolescência, sendo estes fatores de graus variáveis para o comprometimento do projeto de vida e até da própria vida. Para estas autoras, a escola tem um papel fundamental no processo formativo e não apenas informativo, destacando-se, entre os grupos de referência, por sua função precípua e que, apesar do papel da educação sexual ser discutível para evitar as experiências sexuais precoces, tal como a gravidez na adolescência, por exemplo, não será controlada sem educação sexual.

Levando em consideração a ausência de uma legislação no Brasil que regulamente a educação sexual nas escolas, é importante destacar alguns documentos que norteiam sua implementação e prática, avanços e retrocessos. Postulamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os Planos Nacionais de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir da década de 90, com a elaboração dos PCN, a orientação sexual foi trazida como tema transversal presente no ensino, uma vez que havia a busca da possibilidade de se ter um currículo flexível, aberto, e que estimulasse um aprendizado das questões da vida real para transformá-la (BRASIL, 1998). O intuito do documento era de proporcionar um amplo debate e reflexões por parte e com a comunidade escolar (BRASIL, 1998).

Conforme Almeida *et al.* (2011), essa abordagem nos PCN teve por objetivo o de descentralizar o tema, pulverizando o mesmo em diferentes campos disciplinares, o que favoreceria abordagens pluralistas e interdisciplinares, privilegiando questões relativas à saúde, à sexualidade, ao gênero e à afetividade dos educandos.

De acordo com o que era encontrado nos PCN, “a orientação sexual” no âmbito escolar corrobora para o entendimento e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, da prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada (BRASIL, 1998). Assim, pode-se dizer que o tema sexualidade foi inserido no âmbito da escola graças aos PCN.

Monteiro e Ribeiro (2019) destacam que, mesmo com a contribuição dos PCN para o início das discussões e inserção dos conteúdos sobre o tema nas escolas, infelizmente, não houve reação efetiva no âmbito escolar, sendo provavelmente um dos fatores que levou os PCN ao insucesso. Outro fator que pode ter levado os PCN ao insucesso, apontado por Cardoso *et*

al. (2016), foi a necessidade dos PCN adequarem-se às transformações políticas e socioculturais.

Os autores Monteiro e Ribeiro (2019) também ressaltam que, diante do atual contexto político e social em que o Brasil está passando, através de discursos e práticas conservadoras e a imposição da heteronormatividade, caberia resgatar os PCN e repensar sua reestruturação e adoção nas práticas docentes.

Com a determinação de diretrizes, metas e estratégias para a política educacional previstas pelo Plano Nacional de Educação – PNE, Lei 10.172/2001 (BRASIL, 2001), o campo da educação tornou-se pauta de importantes discussões a partir de sua aprovação em 2001 até o ano de 2010, ano no qual este PNE expirou.

Nos objetivos e metas para os cursos de formação docente, incluíam-se nas diretrizes curriculares os estudos de temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se refere às abordagens de gênero, educação sexual, ética, saúde e temas locais. Porém, o referido PNE não foi permanentemente colocado em prática e muitos de seus objetivos e metas foram parcialmente contemplados, ou até mesmo não foram contemplados.

Na proposta de construir um novo PNE, previsto para 2011 – 2020, ocorreram em 2009 as Conferências Municipais e Estaduais e, no ano seguinte, a Conferência Nacional de Educação para que, a partir daí, fosse elaborado o PNE. Observa-se que sobre sexualidade, o tema foi contemplado no Eixo II, intitulado “Educação e Diversidade: Justiça Social, Inclusão e Direitos Humanos” com as proposições e estratégias de que promovam a igualdade racial, de gênero, por orientação sexual e identidade de gênero, os direitos reprodutivos, de prevenção a abusos e à exploração sexual (CONAE, 2014).

Entretanto, o que chama a atenção é que no atual PNE 2014-2024 limitou-se a um objetivo superficial de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, sendo as questões de gênero e sexualidade sequer citadas (BRASIL, 2014). Pino (2017) destaca que foi suprimido na lei nº 13.005/14, que aprovou o PNE, qualquer menção a termos como gênero, orientação sexual e diversidade sexual, deixando essas questões em segundo plano dentro da educação.

Para Groff *et al.* (2015), observa-se um retrocesso no setor educacional com a retirada destes conteúdos. O que evidencia, para as autoras, a força de um movimento fundamentalista no Brasil representado por deputados católicos conservadores e deputados da chamada “bancada evangélica” que negam as múltiplas possibilidades de expressão da sexualidade e a perspectiva de uma educação inclusiva pautada nos direitos humanos.

Embora seja antiga a discussão relacionada à inserção da educação sexual no contexto escolar, na versão final da BNCC, a temática sexualidade foi reduzida à disciplina de Ciências, com ênfase nos tópicos sobre reprodução e IST, além de ser contemplada apenas no oitavo ano do ensino fundamental. Na contramão desta proposta, Cardoso *et al.* (2016) destacam que a educação sexual não serve a seu papel maior ao abordar a orientação sexual apenas com o foco preventivo de doenças, contudo, Modesto (2018) entende que os documentos escolares contemplam essas questões, devido a sua relevância e urgência no contexto escolar independente do que prega a BNCC,

Desta feita, percebe-se que ao longo da história da educação sexual, no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos e que, entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através das aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar. E que tal abordagem, segundo Hernandes (2016), contribuirá para o fortalecimento dos “padrões” heteronormativos, abordagem que, hoje, não corresponde mais à sociedade contemporânea.

2.2 MUDANÇAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DE BIOLOGIA

Para entender as mudanças metodológicas do Ensino de Biologia no Brasil, se faz preciso considerar o contexto histórico no qual essas mudanças ocorreram. Nas última 5 décadas, observou-se um aumento considerável do número de pós-graduações, o que tem dado suporte à expressiva produção de dissertações e teses defendidas na área (TEIXEIRA; MEGIDNETO, 2012).

Na década de 60, o atual ensino médio era subdividido em três modalidades: clássico, científico e normal. O Ensino da Biologia estava diretamente relacionado à valorização e à formação profissional e, desta forma, a Biologia era oferecida principalmente a alunos que estivessem dentro do curso científico, com pretensões à carreira na área médica ou biológica (CICILLINI, 1993).

Com o Golpe de 1964 e a mudança do modelo socioeconômico da época, ocorreu uma forte reorganização das formas de controle social e político no país.

Como afirma Freitag (1980):

A política educacional, ela mesma expressão da reordenação das formas de controle social e político, usará o sistema educacional reestruturado para assegurar este controle. A educação estará novamente a serviço dos interesses econômicos que fizeram necessária a sua reformulação.

Nos anos de 1970, a Biologia sofreu uma redução em sua carga horária, devido ao previsto na lei 5.692/71, na qual a Biologia e a Física foram unidas em um único componente curricular. Essa lei impactou severamente a educação devido ao seu caráter profissionalizante, o que pode ser notado na subdivisão de segundo grau em três propostas de currículo, visando a formação profissional para os três setores básicos da economia, agricultura, indústria e comércio, respectivamente o 1º, 2º 3º setores (BRASIL, 1971).

Diante deste cenário, o ensino da Biologia só deveria ser aplicado ao 1º ano dos cursos voltados aos setores secundário e terciário e nos componentes de programa de Saúde deste nível de ensino (CICILLINI, 1993).

Em 1982, com a lei 7.044, a escola é liberada da profissionalização obrigatória e adquire certa autonomia para rever os seus quadros curriculares. Contudo, o fracasso da profissionalização deixou sérias marcas na educação brasileira e, em especial, no ensino de Biologia.

Com aprovação da lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), foi realizada uma nova organização da educação brasileira. O ensino foi organizado em Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Como complementação a esta Lei, o Ministério da Educação (MEC) elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), com o intuito de servir de referência às escolas, já que sua adoção não é obrigatória na elaboração curricular (ROSA; ROSA, 2012). Tendo como base legal a LDB, tais parâmetros são produtos de uma reforma curricular ocorrida no final da década de 1990 (NASCIMENTO JUNIOR; SOUZA; CARNEIRO, 2011).

O perfil de currículo apresentado pelos PCNEM sofre influência das exigências quanto à contextualização do conhecimento no cotidiano dos alunos e professores, bem como na prática pedagógica permeada pela história da ciência, experimentação, construção do conhecimento e interdisciplinaridade. O que se constata é que tal documento objetiva não apenas um aprendizado técnico, mas também pluralista, significativo e que permita a formação de cidadãos críticos (BORGES; RESENDE, 2010; PENA; RIBEIRO-FILHO, 2009).

Segundo Freire (1979), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Mas, para que isso seja possível, o docente necessita verdadeiramente assumir o compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira,

atender aos seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar (BULGRAEN, 2010).

Saviani (2003), ao defender uma pedagogia crítico-social dos conteúdos na qual professor e alunos se encontram numa relação social específica – que é a relação de ensino - com o objetivo de estudar os conhecimentos acumulados historicamente, a fim de construir e aprimorar novas elaborações do conhecimento, aponta que o ponto de partida da ação pedagógica não seria a preparação dos alunos, cuja iniciativa é do professor (Pedagogia Tradicional) nem a atividade, que é de iniciativa dos alunos (Pedagogia Nova), mas seria a prática social comum a professor e alunos, considerando que, do ponto de vista pedagógico, há uma diferença essencial em que professor, de um lado, e os alunos de outro, encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiências) da prática social.

É justamente pensando nessa “prática social” que o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social (BULGRAEN, 2010).

Diante do estágio atual do ensino brasileiro, os desafios na educação se apresentam como uma temática com discussões para os educadores da contemporaneidade atuais. Esses desafios vão desde a formação inicial dos profissionais, até a relação professor-aluno. Como parte desse processo, a Biologia pode ser umas das disciplinas mais relevantes e merecedoras da atenção dos alunos (SOUSA; PONTES-JÚNIOR; SILVA, 2019; NOGUEIRA, SOUZA; VASCONCELOS, 2020).

Segundo Reis e Vieira Júnior (2019), uma postura mais flexível do docente contribui não somente em relação ao educando, mas para a formação de um aluno mais flexível na relação com o outro, com o conhecimento adquirido e consigo mesmo. Para Romanowski (2007), essa formação continuada é uma exigência do mundo atual, o educador necessita constantemente repensar e aperfeiçoar sua prática de ensino.

Para tanto, novas estratégias têm sido aplicadas, dentre elas a sequência didática, que é uma forma eficiente de organizar uma aula, proporcionando aos estudantes uma maneira fluida de aprendizado.

2.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA (SDI) E O CÍRCULO HERMENÊUTICO DIALÉTICO (CDH)

Uma outra forma de construir conceitos e que vem corroborando para o processo de construção de conceitos é a Sequência Didática Interativa (SDI).

Esta metodologia tem seus princípios teóricos sustentados e alicerçados no método hermenêutico-dialético de Minayo (2004), na visão sistêmica de Vasconcellos (2005), na dialogicidade de Freire (1987, 1996), na complexidade do pensamento de Morin (2008) e na análise de conteúdo de Bardin (1977).

A Metodologia Interativa é definida por Oliveira (2013), como sendo um Processo hermenêutico-dialético e dialógico que facilita entender e interpretar a fala e os depoimentos dos atores sociais em seu contexto, na perspectiva de uma visão sistêmica da temática em estudo.

Esta é uma proposta didático–metodológica que vem sendo utilizada em sala de aula buscando facilitar o ensino-aprendizado, que serve para construir e reconstruir conceitos sobre diferentes temas do componente curricular, tendo como base o Círculo Hermenêutico Dialético (CHD).

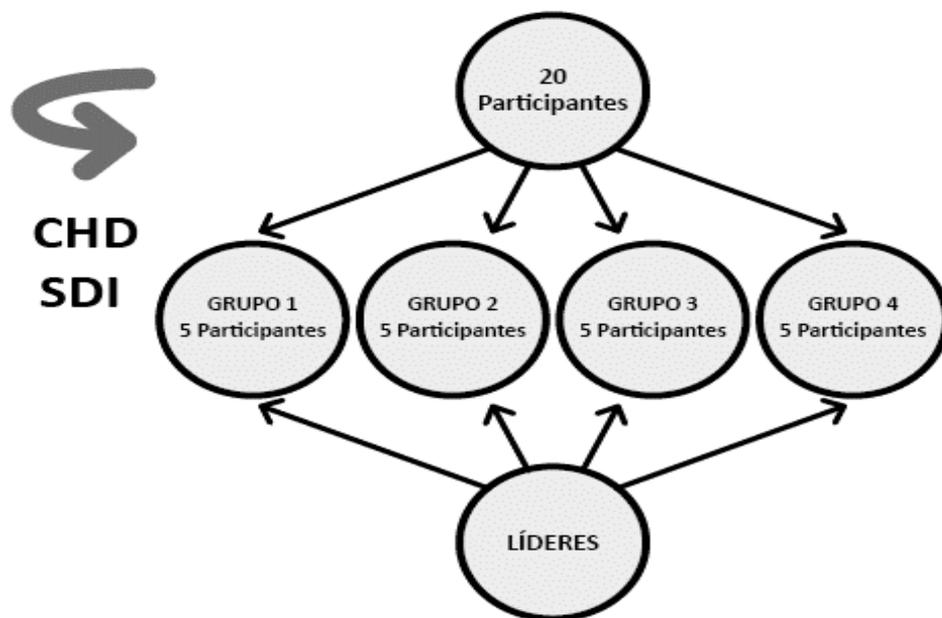
Silva (2012) o CHD é o processo de construção e reconstrução da realidade por meio de um vai e vem constante (dialética) entre as interpretações e reinterpretações sucessivas dos indivíduos (dialogicidade e complexidade) para estudar e analisar em sua totalidade um determinado fato, objeto e ou fenômeno da realidade (visão sistêmica).

A realização das entrevistas por meio da aplicação do CHD é recomendável para ser trabalhada com uma amostra definida entre quatro a oito pessoas, enquanto a aplicação de questionários deve ser realizada em outro grupo que faça parte do contexto em que trabalham os sujeitos que foram selecionados para as entrevistas.

Como por exemplo, aplicar o CHD para um grupo de professores e os questionários com os alunos desses professores. Esse procedimento é importante por fornecer informações que facilitam a análise por meio do cruzamento de dados, tais como entrevistas, questionários e leituras de documentos oficiais, sempre à luz dos fundamentos teóricos que dão sustentabilidade ao objeto de estudo (OLIVEIRA, 2014).

Em seguida, é solicitado que em cada grupo seja escolhido um representante, e assim seja formado um grupo de apenas quatro estudantes (líderes de cada um dos quatro grupos) que, por sua vez, deverão resumir em uma só frase o resultado das quatro frases dos grupos anteriores. Essa frase final deve ser escrita no quadro branco. Essa técnica também pode ser desenvolvida online, com uso de computador ou tablet na sala de aula. Enquanto os quatro alunos estão construindo a frase final, que se constitui a síntese das frases dos quatro grupos, o professor deverá dialogar com os dezesseis alunos restantes sobre as atividades que estão sendo vivenciadas.

Figura 4 – Demonstrativo de uma SDI



Fonte: Oliveira (2013)

Tendo como referência as experiências exitosas com aplicação da Metodologia Interativa e nas bases teóricas que alicerçam a proposta da SDI, é possível dizer que esta metodologia, que se caracteriza como uma proposta de investigação qualitativa, coloca os atores sociais como reais construtores e reconstrutores da realidade pesquisada. A aplicação do CHD fundamentada na dialogicidade e no pensamento complexo sem dicotomizar a realidade, a interatividade entre pesquisador(a) e os atores sociais por meio de constantes diálogos, facilita a análise de dados.

O diferencial está na pré-análise dos dados para fechamento do objeto de estudo por meio do cruzamento de dados, tendo a realidade já construída e reconstruída pelos sujeitos da pesquisa, minimizando a subjetividade do pesquisador(a) (OLIVEIRA, 2014).

Esta metodologia tem se mostrado extremamente eficaz na construção de conceitos prévios por parte dos estudantes devido a sua dinâmica, o que faz com que o aluno participe de forma mais ativa, podendo contextualizar de forma mais organizada seus conhecimentos prévios, comparando-o com visões de seus pares acerca de determinados aspectos do conhecimento.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Propor uma Sequência Didática (SD) para o protagonismo discente e a aprendizagem de alunos do ensino médio quanto ao tema sexualidade humana e comportamento sexual de risco na adolescência.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar como **Produto Educacional** uma SD para o ensino médio sobre o ensino dos temas sexualidade e comportamentos sexuais de risco na adolescência.
- Pontuar as possíveis evoluções dos conhecimentos construídos pelos alunos sobre o tema sexualidade humana e comportamento sexual de risco e suas respectivas consequências: gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).
- Promover na SD o protagonismo do aluno de modo que ele proponha ações que solucionem ou minimizem os problemas gerados por comportamentos sexuais de risco na adolescência.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, considerando que esta modalidade investigativa seja mais apropriada para se ter os resultados de pesquisa no campo educacional das escolas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa se caracteriza como sendo uma possibilidade para leitura científica e acesso a realidade social. Essa abordagem ainda é bastante utilizada no universo acadêmico e concebe o resgate das metodologias de subjetivação no setor da ciência.

4.2 PLANEJANDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

Esta pesquisa resultou na elaboração de uma SD para o ensino médio como **produto educacional**, com a abordagem da educação sexual e gravidez na adolescência.

A presente SD foi planejada em um momento em que o mundo passou pela pandemia da COVID-19, o que exigiu a busca de cuidados para evitar a contaminação dos participantes, de modo a se implementar os protocolos previstos pelas autoridades sanitárias locais. Desta forma, ela foi planejada para ser executada em ambiente híbrido, o que não impede que seja desenvolvida de forma presencial em um ambiente livre e seguro.

Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura para planejar as etapas da SD, tendo por base os trabalhos de Zabala (1998) e Oliveira (2013).

Diante do tema escolhido para a pesquisa, foi pensado uma SD em oito etapas, precedida pelo preenchimento de formulário estruturado (momento pré-sequência) com questões relativas ao comportamento sexual de risco e à gravidez na adolescência, para compreender o entendimento prévio de cada estudante sobre o tema. Este formulário pode ser encaminhado de forma virtual através da ferramenta google formulário.

Para a criação de um conceito coletivo, optou-se por usar a metodologia desenvolvida por Oliveira (2013), chamada de Sequência Didática Interativa (SDI), que consiste em uma variação do Círculo Hermenêutico Dialético (CHD), no qual se explora o poder de síntese dos estudantes, partindo de um conceito individual o qual vai sendo condensado em 3 passos: 1. Cada aluno deverá construir individualmente, em um pedaço de papel fornecido pelo educador, uma frase que responda à seguinte pergunta: “Por que devemos ter educação sexual na escola?” 2. A turma deverá ser dividida em grupos, de no máximo 5 pessoas (esses grupos deverão ser mantidos ao longo de toda a SDI), a fim de redigir a partir das respostas dadas por cada estudante, um conceito que englobe os conceitos criados individualmente no passo 1, orientando cada estudante que garanta que o que foi escrito individualmente esteja contemplado nessa frase única; 3. Deve ser escolhido em cada grupo um representante para participar de um terceiro grupo, que irá formar um novo conceito, tendo como base os conceitos construídos no passo 2 e que abranja as ideias expressas por todos os grupos. Assim, obtém-se um conceito que represente todas as ideias levantadas pela turma, e essa síntese deve ser colocada no quadro branco/lousa.

Pensou-se em articular momentos alternados entre presenciais e não presenciais, de modo que o aluno pudesse ter acesso aos conceitos estabelecidos pela literatura disponível a ele, e contato com pessoas que pudessem falar de sua experiência real de viver uma gravidez na adolescência e/ou ter tido comportamento sexual de risco.

A partir de então, deve-se oportunizar um momento para elaboração de um roteiro de entrevistas (momento 3 – presencial) podendo se sugerir algumas das perguntas, como: Com quantos anos você engravidou? Você usava algum método contraceptivo? Sua gravidez foi planejada? Você recebeu apoio de sua família? Entre outras. Estas perguntas deverão ser realizadas a pessoas selecionadas por um representante de cada grupo de estudantes da etapa 1 a pessoas que tenham experienciado uma gravidez na adolescência (momento 4 – Não presencial).

Diante de tantas informações levantadas é importante que os educandos tenham a prática da análise dos dados levantados de maneira a buscar o entendimento de o que pode ter levado as pessoas a viverem essa experiência de uma gravidez na adolescência, ou que poderia ter sido feito para evitar tal momento (momento 5 – presencial).

Dando continuidade à sequência, após eles terem acesso a literatura (teoria) e a pessoas que experienciaram uma gravidez na adolescência (“prática”), achou-se importante uma visão técnica e de ex – alunos(as) que viveram uma gravidez na adolescência. Para isso pensou-se

em uma roda de conversa (momento 6) com esses atores para que, separados por gênero em dois espaços e coletivamente, possa se reconstruir os conceitos individuais acerca do tema gravidez na adolescência e comportamentos sexuais de risco, os profissionais e voluntários convidados devem revezar entre os dois espaços.

Neste momento, é introduzido o tema IST, sobre o qual pela condução dos profissionais de saúde presentes e/ou pelo próprio professor, é apresentada algumas infecções, suas formas de contágio, seus sintomas e tratamento, quando houver. Pois, segundo o próprio Ministério da Saúde, é mais que importante [...]

[...] informar sobre as infecções sexualmente transmissíveis, incluindo HIV/aids e hepatites virais; avaliar os riscos de transmissão em cada caso e as formas de prevenção e redução da transmissão vertical; explicar a importância do teste e seus resultados e solicitar o consentimento pessoal para realização. (BRASIL, 2018).

Por fim, fazendo uma relação com o vivenciado no momento anterior e buscando que os estudantes produzam algo de concreto, se propõe a construção de infográficos sobre IST. (momento 7 – Assíncrono – não presencial), os quais devem ser apresentados em um ciclo de seminários (momento 8 – presencial). E para a análise da eficácia da SD, sugere-se a aplicação de outra atividade (A3) em questões pertinentes ao tema e quando comparado ao A1 possa criar um paralelo da evolução dos estudantes. Esta atividade, igualmente a primeira, pode ser realizada tanto em ambiente virtual, através de ferramentas como google formulário, bem como presencialmente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 PROPOSTA DE REALIZAÇÃO DA SD

A partir dos objetivos de aprendizagem foi construída a SD no quadro 1. Ela é composta, em formato híbrido, com carga horária de 9 horas/aula presenciais e 6 horas/aula de forma assíncronas e não presencial.

A presente SD foi idealizada tendo momentos síncronos e assíncronos, presenciais e não presenciais, ou seja, momentos dentro e fora da sala de aula. A mesma é composta por 9 momentos a serem vivenciados da seguinte forma, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Etapas da SD

<p><u>Momento Pré Sequência didática</u></p> <p>Avaliação diagnóstica (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Objetivo: levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre mudanças corporais na adolescência, comportamento sexual de risco e suas consequências (gravidez na adolescência e IST), além de métodos preventivos.</p>
<p><u>Momento 1:</u> (PRESENCIAL) 1 hora/aula</p> <p>Sequência Didática Interativa (SDI)</p> <p>Objetivo: construir um conceito de forma coletiva acerca do tema “A Importância da Educação Sexual nas Escolas”.</p>
<p><u>Momento 2:</u> (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Confronto da síntese de ideias prévias dos alunos com a literatura</p> <p>Objetivo: fazer com que os estudantes comparem os conceitos debatidos e formulados com o apresentado no texto didático disponível.</p>
<p><u>Momento 3:</u> (PRESENCIAL) – 2 horas/aula</p> <p>Elaboração de roteiro de entrevistas</p> <p>Objetivo: apresentar e discutir um roteiro de entrevista com enfoque nas questões sociais e biológicas específicas da gravidez na adolescência.</p>
<p><u>Momento 4:</u> (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Entrevista de campo</p> <p>Objetivo: proporcionar um olhar crítico sobre as consequências de vivenciar uma gravidez na adolescência.</p>

<p><u>Momento 5:</u> (PRESENCIAL) – 1 hora/aula</p> <p>Tratamento dos dados levantados nas entrevistas</p> <p>Objetivo: produzir conhecimento acerca do tema gravidez na adolescência com base no obtido nas entrevistas de campo da etapa anterior.</p>
<p><u>Momento 6:</u> (PRESENCIAL) 2 horas/aula</p> <p>Roda de conversa</p> <p>Objetivo: oferecer ao estudante um momento com uma equipe multidisciplinar em que eles possam tirar dúvidas de cada um e falar sobre IST, destacando os principais aspectos de algumas infecções.</p>
<p><u>Momento 7:</u> (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Construção de Infográficos sobre IST</p> <p>Objetivo: Elaborar infográficos com base no estudado na aula anterior, o qual figure uma IST, suas formas de transmissão e de prevenção.</p>
<p><u>Momento 8:</u> (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 2 horas/aula</p> <p>Ciclo de seminários</p> <p>Objetivo: Fazer com que os alunos exercitem o seu poder de exposição oral e síntese de pensamento.</p>
<p><u>Momento 9-</u> (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 1 hora/aula</p> <p>Avaliação da SD</p> <p>Objetivo: avaliar a eficácia da SD aplicada.</p>

A **Avaliação diagnóstica (AD) caracterizada como momento pré-sequência didática** contempla um momento assíncrono que consiste em levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre mudanças corporais na adolescência, comportamento sexual de risco e suas consequências (gravidez na adolescência e IST) e métodos preventivos, através de questionário semiestruturado, com enfoque nas questões sociais e biológicas dos temas propostos, correspondendo à Atividade 1 (A1). Este questionário, será respondido de forma individual e assíncrona, através da ferramenta google formulário. Como o intuito de manter o anonimato dos respondentes, a coleta dos questionários será realizada por meio do uso de uma caixa de papelão que fique disponível na sala de aula, na qual os estudantes possam fazer o depósito do questionário.

Os aspectos biológicos a serem abordados serão o ciclo reprodutivo, anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, além de IST. Os alunos receberão esta atividade com 6 dias de antecedência da primeira aula presencial e terão um tempo pré-estabelecido para responder, a contar de seu recebimento. Os alunos que não tenham acesso à

internet deverão receber a atividade em seu formato físico. A entrega deverá ser feita no momento da aula presencial.

Vale ressaltar que a AD é um ato de suma importância para o planejamento nas questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem; tal método posiciona o aluno em relação às aptidões e aos conhecimentos estabelecidos para o nível de ensino em que este está inserido (GONÇALVES, 2014). Dentro deste processo de ensino-aprendizagem, a avaliação diagnóstica instrumentalizará o professor a fim de que possa pôr em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos, não devendo se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno (SILVA, 2014). Leva-se em consideração o dito por Libâneo (1994), que a avaliação deve ser feita, inicialmente, como uma sondagem de conhecimentos.

Assim sendo, a AD ainda incide em uma ação que possibilita às escolas e demais instituições educacionais verificar as deficiências pedagógicas provida de dados que permitem delinear atividades com a finalidade de nivelar a aprendizagem dos alunos durante o ano letivo, respaldando um processo de ensino e aprendizagem autêntico e significativo para todos (GONÇALVES, 2014).

1 - (PRESENCIAL) SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA (SDI):

Este primeiro momento da SD representa, na verdade, uma sequência didática por si só, idealizada por Oliveira (2012) para a criação de conceito coletivos. Esta ferramenta didático-metodológica é chamada de Sequência Didática Interativa (SDI). Deve ser aplicada mediante aula síncrona, de forma coletiva, para a construção de determinados conceitos acerca do tema. Para tal será utilizada 1 hora/aula. Na SDI proposta, a turma será dividida em grupos de 5 pessoas, a fim de definir, em uma frase, aspectos diversos da educação sexual como mudanças corporais na adolescência, comportamento sexual de risco e suas consequências (gravidez na adolescência e IST) e métodos preventivos, respondendo a pergunta norteadora: “Por que devemos ter educação sexual na escola?”

Nada impede que seja feita uma ou mais perguntas de acordo com a realidade de cada grupo ao qual se aplique esta SD.

Em seguida, será formado um outro grupo com um representante/líder de cada grupo inicial, donde dever-se-á construir um conceito único para cada aspecto do tema, cuja síntese inicial virá das discussões realizadas durante a primeira formação de grupos. Será utilizada para essa atividade 1 hora/aula.

Esta é uma outra ferramenta didática que possibilita a compreensão de definições e/ou conceitos; assim sendo, é possível definir a SDI como sendo uma metodologia interativa no processo ensino-aprendizagem, facilitando assim a conexão entre professores e alunos entre si, dirigindo para uma sistematização e construção de um novo conhecimento (OLIVEIRA, 2010).

Este momento proporciona a ação dialógica que, segundo Freire (1992), está atrelada à reflexão e à ação; contudo, a escolha do tempo para execução é um ponto chave, tendo em vista que este pode ser considerado um fator negativo quando não bem dividido na execução desta etapa, dificultando a construção de conceitos.

2 - (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL) 1 hora/aula - **Confronto da síntese de ideias prévias dos alunos com a literatura:**

Como atividade assíncrona, os alunos serão orientados para correlacionarem as sínteses produzidas na etapa 2 com a literatura relativa ao tema. O intuito é que cada grupo da primeira formação tente produzir uma última síntese que leve em consideração os saberes prévios de cada um deles e os conhecimentos científicos sobre as diferentes questões propostas pelo professor sobre o tema.

Essa atividade desenvolve o que se compreende como pluralidade de ideias, em que é possível desenvolver a discussão acerca da origem de determinada ideia, permitindo assim uma desconstrução do pensamento, possibilitando *o pensar fora da caixa*, decodificando cada assunto. Vale ressaltar ainda que, através desta atividade, desenvolve-se a importância de se respeitar as diferenças, possibilitando o desenvolvimento de conceitos e formação de novas ideias, impulsionando a pesquisa e o questionamento (CURY, 2018).

3 – (PRESENCIAL) 2 horas/aula – **Elaboração de roteiro de entrevistas:**

Um momento no qual se pensou em discutir com os alunos prováveis perguntas para que seja realizada uma entrevista com alguém conhecido dos alunos que tenha experienciado a gravidez na adolescência; sugere-se que sejam feitas questões simples, como por exemplo:

- Com quantos anos você engravidou?
- Você usava algum método contraceptivo?
- Sua gravidez foi planejada?
- Você recebeu apoio de sua família?
- O que você pensou que aconteceria com o seu futuro diante da gravidez?

- As coisas aconteceram da forma que você imaginou?
- Você se sentiu apoiado(a) por seu(a) parceiro(a)?

Essas perguntas são apenas sugestões, que não impedem que sejam realizadas adequações de acordo com a realidade de cada cenário vivenciado por cada professor, podendo este modificar, excluir e/ou inserir novas perguntas.

A pesquisa de campo permite em sua integridade compreender a diversidade de aspectos de determinada realidade e, portanto, compreender determinado problema que está sendo estudado (FELIPE, 2007). Isso faz com que o aluno possa, a partir de questionamentos, levantar hipóteses e, com a liberdade de propor e planejar atividades, defender seus pontos de vista junto aos professores e colegas, como preconiza o ensino por investigação (MOURÃO; SALES, 2018).

4 - (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL) **Entrevista de Campo:**

Neste momento, a atividade (A2) um representante de cada grupo de estudantes deve buscar pessoas de seu convívio (familiar, vizinho e ou conhecido da família), que tenham vivenciado a gravidez na adolescência, com a presença de seu pai e/ou responsável maior de idade que possa acompanhá-lo, de modo a despertar nos alunos o interesse para se aprofundarem no tema e pensarem sobre possíveis soluções para os problemas identificados através do questionário.

Através desta proposta de atividade é possível propagar novos conhecimentos para que alunos e professores se sintam envolvidos pelo estudo de determinado assunto, compreendendo a pesquisa como uma atividade importante que corrobora para o progresso da Educação (FELIPE, 2007).

Para Batista *et al.* (2017) utilizar-se da entrevista para obtenção de informação é buscar compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito observa, vivência e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis.

Este momento da SD é fundamental, porém, também é extremamente delicado, tendo em vista que envolve um risco potencial de constrangimento por parte dos envolvidos na entrevista. Sendo imensamente importante um esclarecimento por parte do professor aos pais e/ou responsáveis pelo estudante, de como se dará todo o processo, bem como a criação e assinatura de um termo no qual conste a autorização do entrevistado para o uso das informações

para fins acadêmicos. Modelos desses termos podem ser encontrados nas home pages dos comitês de ética das universidades de todo o Brasil.

5- (PRESENCIAL) 1 hora/aula - **Tratamento dos dados levantados nas entrevistas:**

A partir das respostas dos entrevistados, os alunos de cada grupo deverão expor suas impressões e, com base do vivenciado até aqui, propor maneiras de como a falta de informação, o excesso dela, ou a distorção sobre o tema abordado podem influenciar o jovem a se prevenir de uma gravidez indesejada.

6 - (PRESENCIAL) 2 horas/aula **Roda de conversa:**

Em busca de uma melhor compreensão acerca das consequências de uma gravidez não planejada na adolescência e de despertar nos alunos a importância dos métodos contraceptivos, lhes será proporcionado uma roda de conversa. Este momento, na medida do possível, deve contar com profissionais da área de saúde (médicos(as), enfermeiros(as) e pessoas convidadas pelo professor, ex-alunos e ex-alunas, ou outros(as) voluntários(as) as quais não fariam parte da equipe de pesquisa). Caso haja a presença dos profissionais da área de saúde, estes explicarão acerca das IST e dos comportamentos sexuais de risco, e os convidados que vivenciaram uma gravidez na adolescência falarão de suas experiências de serem mães e pais neste período da vida, evidenciando a sua relação com o mundo e como a vida seguiu após este acontecimento. Serão utilizadas 2 horas/aula em um momento presencial de aprendizagem, no qual os alunos poderão aprofundar questões identificadas pela pesquisa de campo sobre gravidez e eventuais dúvidas sobre comportamento sexual de risco e IST.

A roda de conversa é uma metodologia importantíssima para discussão do tema sexualidade, haja vista que através dessa atividade é possível permitir o diálogo e a troca de ideias entre os alunos, possibilitando ainda novas descobertas através da troca de experiência entre os mesmos. A roda de conversa ainda é considerada uma prática social que traz consigo grandes aprendizagens através do compartilhamento de informações, pautada na conversa dialogada e com uma diversidade de histórias, visões de mundo e personalidades (SOUZA, 2012).

Dessa forma, a adoção de estratégias como a educação em saúde, possibilita abordar temas relevantes como as IST, práticas sexuais de risco e a desconstrução de pré-conceitos; e estimular a reflexão para construção de saberes junto à comunidade escolar (AHARI *et al.*, 2020; OMS, 2019).

7 - (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL) **Infográficos das IST:**

A partir da proposta de um estudo individualizado com texto e vídeos sobre as IST, fornecidos pelo professor, os alunos serão solicitados a produzir, em grupo, um infográfico, levando em consideração os conceitos e dados provenientes do estudo individualizado. Tais infográficos podem ser feitos à mão livre baseados em modelos, mas também com auxílio de aplicativos como *Canva*, *Genial*, entre outros.

A utilização de infográficos na educação à distância é uma ferramenta que traz efeitos positivos no ensino aprendizagem dos alunos e professores, visto que esta atividade permite utilizar um formato de material interativo mais atrativo, nos quais os conceitos são apresentados de uma maneira mais didática e de fácil compreensão (BRAGA, 2009).

8 – (PRESENCIAL) 2 horas/aula - **Ciclo de Seminários:** Apresentação, por parte dos grupos de estudantes, dos conceitos consolidados no CHD, da análise dos resultados obtidos através de sua pesquisa de campo sobre gravidez na adolescência, das conclusões oriundas da roda de conversa realizada com mães e pais adolescentes e dos dados compilados no infográfico construído a partir do estudo individualizado sobre IST. O professor poderá orientar os grupos de alunos a selecionarem um dos conteúdos sobre educação sexual presentes nessa sequência de aulas, como por exemplo, mudanças corporais na adolescência, comportamentos sexuais de risco, suas consequências para a saúde e prevenção de Gravidez na adolescência e IST, isto é, além da gravidez, apresentar as IST e os seus métodos preventivos. Esta etapa será realizada em 2 horas/aula.

Sendo assim, os seminários representam uma metodologia que, segundo Rodrigues *et al.* (2015, p. 524):

Garantem (...) a criação de conhecimentos e práticas de intervenção especializada, dado o seu dinamismo, a criatividade e o poder emancipatório do aluno sobre seu processo de aprendizagem e comungando cultura, planejamento, tomada de decisão, pensamento crítico e integração social, sem descartar o grupo multicultural.

A proposta dos seminários temáticos é mais uma prática que traz contribuições positivas para o ensino aprendizagem, pois demonstra ser uma técnica bastante eficaz, estimulando aquisição de novos conhecimentos (CARVALHAL, 2016).

9 – (PRESENCIAL) 1 hora/aula - **Avaliação da aprendizagem:** como etapa final da SD será realizada a aplicação de uma terceira atividade (A3), a ser respondida pelos alunos, para avaliar a eficiência da SD através da evolução dos conhecimentos dos alunos sobre o tema, comparando as concepções e impressões deles identificadas no início e no final da abordagem do referido tema, ou seja, antes e depois da SD. Esta etapa será realizada de maneira síncrona, com resolução da atividade em sala de aula, para ser respondida dentro de um período de 1 hora/aula.

A avaliação da aprendizagem é uma etapa importante no processo educacional, tendo em vista que é um instrumento para que professores acompanhem o desenvolvimento de seus alunos e ponderem acerca do que proporcionou bons resultados ou não. Assim, é possível considerar que a avaliação da aprendizagem escolar possibilita benfeitorias para os alunos e professores (SILVA, 2006).

5.2 SEXUALIDADE HUMANA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO: UM OLHAR ACERCA DAS ATIVIDADES SUGERIDAS

A presente proposta de SD busca propor que professores possam vivenciar em suas salas de aula momentos de debates e informação acerca de um tema que é tão polêmico para muitas instituições, que é a abordagem acerca da sexualidade. Dessa forma, a SD proposta apresenta atividades que, no decorrer das aulas, buscam focar não apenas nos conteúdos relacionados à sexualidade, mas também contempla diversas estratégias de ensino que podem estar sendo exploradas e/ou adotadas de acordo com o público alvo ao qual deseja-se aplica-la.

Neste sentido, é importante frisar que, ao se tratar do ensino acerca da sexualidade, é de extrema importância apreciar as relações humanas, o respeito ao próximo. O professor não deve meramente impor suas ideias ou opiniões, mas apreciar também as vivências dos alunos, colocando os mesmos como protagonista. Dessa maneira, Leão (2009) aponta que para debater a sexualidade em sala de aula é preciso que, num primeiro momento, o professor aborde questões acerca dos preconceitos e valores morais, não impondo nenhuma opinião a respeito, pois segundo este sistema não costuma ser eficaz.

Ainda sobre a realização de aulas sobre a temática, Figueiró (2009) aponta que:

Muitos professores mostram-se surpresos ao constatar o quanto os alunos participam ativamente, se lhes é dada a oportunidade de falar, de perguntar e de expressar o que pensam e o que sentem. Isto deixa o professor mais tranquilo e à vontade, enriquece a aula e gera um trabalho descontraído e

espontâneo, sem comprometer a seriedade e a qualidade. Esta forma de ensinar faz fugir, então, do padrão tradicional de aula dogmática, puramente expositiva (FIGUEIRÓ, 2009, p. 08).

Deste modo, saber abordar a temática em sala de aula traz pontos bastante positivos para os alunos, pois busca-se que ele enriqueça seus conhecimentos através de uma aprendizagem com ações do cotidiano, pois é possível também trabalhar outros temas sociais através da SD proposta.

De encontro com este pensamento, Lima e Almeida (2010) mostra que trazer discussões acerca da sexualidade é um recurso apropriado, haja vista que muitos desses alunos passam por determinadas situações e gostariam de compartilhar suas experiências fora do ambiente familiar.

Assim sendo, fica demonstrado que as conversas em sala de aula são estritamente necessárias para uma melhor informação dos alunos. Figueiró (2009, p. 9) aponta que a abordagem proposta na SD "possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias". E assim, outro ponto positivo é analisado, que é acerca do comportamento sexual de risco, visto que através das conversas e discussões sobre o tema, cada aluno vai sendo levado a pensar e analisar sobre suas atitudes pessoais e sociais.

No entanto, existem também as dificuldades em tratar do tema em sala de aula. Um deles está pautado na literatura, porque poucos são os textos e conteúdos necessários para elaboração de aulas e materiais para exposição e leitura por parte dos alunos. Nesse contexto, o professor deve se planejar adequadamente e utilizar recursos acessíveis e/ou incrementar suas aulas através de novos recursos para os temas escassos como a sexualidade, por exemplo.

Importante também salientar que tais recursos não são unicamente suficientes a ponto de resolver todas as questões referentes ao ensino de sexualidade na escola. Cabe desta maneira a instituição de ensino oportunizar espaços para que tais temas sejam vivenciados ao longo de todo o ano de maneira interdisciplinar, tanto dentro como fora da sala de aula. Para isso, é preciso que seja levado aos alunos "inúmeras oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo". (FIGUEIRÓ, 2009, p. 16).

Portanto, ponderando o professor como um profissional que edifica o saber em sua prática cotidiana, a SD proposta neste estudo são apenas ideias e sugestões. Assim sendo, se faz necessário que o mesmo reflita sobre a sua atuação profissional principalmente na questão que visa assegurar o avanço eficaz na configuração de ensinar sobre sexualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, é possível concluir que a SD construída pode contribuir em sala de aula para trabalhar o tema sexualidade nas escolas, proporcionando assim que o aluno seja protagonista.

Ainda assim, é importante frisar que o ensino de sexualidade nas escolas ainda carece evoluir muito no Brasil, pois é possível analisar através das pesquisas realizadas para efetivação deste estudo, a carência em informações e métodos, bem formação continuada com relação a temas tão próximos a nós, como é o tema relacionado à sexualidade.

Outro ponto importante analisado ao decorrer e produção deste estudo está pautado na ausência de estratégias que proporcionem que o assunto seja tratado de forma crítica, em que os alunos possam refletir sobre suas vivências do dia a dia. Na literatura há SD que tratam sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino, no entanto, os alunos almejam ir muito além do que aprender apenas a estrutura do corpo. Os mesmos desejam conhecer também sobre relações sociais e sentimentos, e aspiram por conversas como esta em sala de aula, pois trata-se de temas que estão atrelados ao dia a dia dos mesmos e que inúmeras vezes não conseguem ter um debate em casa, o que os deixa carentes de informações, necessitando assim de um mediador, que pode ser o professor, para que o mesmo compreenda melhor essas questões, e a escola é um ambiente propício e acolhedor para isso.

Deste modo, se mostra importante a elaboração de atividades propostas como uma proposta importante para promover a construção de acervos de materiais didáticos, pois os mesmos adaptam o intercâmbio do conhecimento científico com as vivências dos alunos, admitindo a reflexão sobre respeito, preconceitos e conhecimento do próprio corpo.

Conclui-se assim, que a educação sexual precisa estar ininterruptamente presente no ambiente escolar. E, dessa forma, é preciso compreender que o trabalho pedagógico nesta área deve estar associado a todos os campos do conhecimento, pois este tema é transdisciplinar, devendo assim ultrapassar os muros da escola.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jordão Filipe dos Ramos. **O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva**: um estudo correlacional em estudantes universitários. 2010. Tese (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação (Formação Pessoal e Social), Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Ciências, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1249>. Acesso em: 16 de jun. 2020.
- AHARI, S. B.; MOGHADAM, Z. B.; AZIN, S. A.; MAASOUMI, R. Concerns and educational needs of Iranian parents regarding the sexual health of their male adolescents: a qualitative study. **Reproductive health**, London ,v. 17. n. 1 p. 1-9, 2020.
- ALLARD, Denis. **De l'évaluation de programme au diagnostic sociosystémique**: trajet épistémologique. 1996. Thèse de doctoraat em Sociologie, Université du Québec á Montréal, 1996.
- ALMEIDA, S. A.; NOGUEIRA, J. A.; SILVA, A. O.; TORRES, G. V. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32. n. 1. p. 107-113, 2011.
- BARBOSA L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, v. 11, n. 10, p. 772, 8 jul. 2019.
- BARBOSA, Regina Helena Simões. **Mulheres, reprodução e aids**: as tramas da ideologia na assistência à saúde de gestantes HIV+. 2001. Tese (Doutorado) – Curso em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, São Paulo, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.3, p. 23-38, TRI III, 2017.
- BORGES, G.; RESENDE, F. Vozes Epistemológicas e Pedagógicas nos Parâmetros Curriculares de Biologia. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, UFSC: Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 01-16. 2010.
- BRAGA, Carla Sousa. O Infográfico na Educação a Distância: uma contribuição para a aprendizagem. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 15., 2009, Fortaleza. **Anais** [...] Fortaleza, 2009. p. 27-30.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 26 jun.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Plano Nacional de Educação – PNE, Lei 10.172/2001. Brasília, 2001.

BRASIL. **Lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982**. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília, 1982.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 3ª ed. Brasília. Ministério da Educação. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidando de Adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 44 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BULGRAEN, V. C. O Papel do Professor e sua Mediação nos Processos de Elaboração do Conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

CARDOSO, F. A.; SILVA, A. J. F.; SILVA, P. S. S. Uma análise dos PCN Orientação Sexual dezoito anos depois. **Cadernos de Pesquisa: pensamentos educacionais**, [S.l.], v. 11. n 28, p. 211-225. 2016.

CARVALHAL, Joseana Benevenuta Araújo. Seminários temáticos: técnica interdisciplinar de aprendizagem e desenvolvimento de competências. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, Jaén, v. 2, n. 2, 2016.

CASTELO BRANCO, A. L. S. Principais Patologias Tratadas Com Plantas No Município de Vitoria De Santo Antão – PE. *In*: REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 27., 2004, Petrolina, PE. **Anais [...]**. Petrolina: Embrapa Semi-Árido; UNEB, 2004. 1 CD – ROM.

CICILLINI, Graça Aparecida. A evolução enquanto componente metodológico para o ensino da Biologia no 2º Grau. **Educ. E Filos.**, Uberlândia, v. 7, n. 14, p. 17-37. Jul/dez. 1993.

CORTES, H. M.; MORAIS, A. V. C. de; LACERDA, L. C. S. de; SANTOS, R. O.; PINHO, P. H. Sexuality and Religiosity: an integrative literature review. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista-SP, v. 10, n. 2, p. e37910212540, 2021. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12540>. Acesso em: 13 jul. 2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base nacional curricular comum: dilemas e perspectivas**. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2018.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 77-87, 2007.

FERNANDES, F.; LORENZETTI, L. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 507-522. 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da Escola. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns**. Londrina: Eduel, 2009. p. 141-171.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GONÇALVES, Fátima *et al.* A avaliação diagnóstica em educação física: uma abordagem prática a nível macro. **Problemáticas da educação física I**, p. 89-95, 2014.

GROFF A. R.; MAHEIRIE, K.; PEREIRA, P. O. S. A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, p. 1431-1444. 2015.

GUBA, Egon Gotthold; LINCOLN, Yvonna Sessions. **Fourth Generation Evaluation**. Newbury Park: Sage, 1989.

GUIMARÃES, Y. A. F.; GIORDAN, M. Elementos para Validação de Sequências Didáticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9. 2013. Águas de Lindóia, SP. **Anais [...]** Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R1076-1.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

HERNANDES, Margareth da Silva. **O silenciamento da discussão de gênero e sexualidade nas escolas: a inconstitucionalidade da omissão**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar de 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=resultados>. Acesso em: 14 set. 2021.

LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. Tese (doutorado) – Curso em educação escolar, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, E. S.; ALMEIDA, G. B. Educação sexual e prática pedagógicas. *In*: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, 4., 2010, Recife. **Anais** [...]. Recife: FASA/Unicap, 2010.

MACEDO, S. R. H.; MIRANDA, F. A. N.; PESSOA JÚNIOR, J. M.; NÓBREGA, V. K. M. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103, 2013.

MEZOMO, João Catarin. **Gestão da qualidade na escola**: princípios básicos. São Paulo: Terra, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec/Brasco, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MINAYO, Maria Cecília *et al.* **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, P. R. M. de; ALVES, J. M. Temas e/ou Questões Sobre Sexualidade de Interesse de Estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública de Rio Branco - Acre. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, Rio Branco, v. 6, n. 2, p. 647-659, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2520>. Acesso em: 8 out. 2020.

MODESTO, M. A. BNCC, transversalidade, meio ambiente e ensino de história: elementos para um diálogo entre história e a pedagogia. **Boletim Historiar**, [S. l.], v. 05, n. 3, p. 14-28, 2018.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MONTEIRO, S. A.; RIBEIRO, P. Linguagem, comunicação e educação sexual integradas aos direitos humanos e à cidadania na escola. **Revista de Educação do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 1-20, 2019.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S.; VITALLE M. S. S. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática. **Journal Health Science**, Londrina, v. 20, n. 3, p.

221-230. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/11/965669/14-educacao-escolar-sexualidade-4913.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MOREIRA, B. L. R.; FOLMER, V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Experiências em Ensino de Ciências**, Cuiabá, v. 10, n. 3, p. 18-30, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOTA, João Gláucio Siqueira Matos. **Aplicação de uma Sequência Didática no Ensino de Biologia**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

MOURÃO M. F.; SALES, G. L. O Uso do Ensino por Investigação como Ferramenta Didático-pedagógica No Ensino De Física. **Experiências em Ensino de Ciências**, Cuiabá, v. 13, n. 5, p. 428-440, 2018.

NASCIMENTO JUNIOR, A. F.; SOUZA, D. C.; CARNEIRO, M. C. O Conhecimento Biológico nos Documentos Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Uma análise histórico-filosófica a partir dos estatutos da Biologia. **Revista Investigações em Ensino de Ciências**, Instituto de Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 223-243, 2011.

NOGUEIRA, D. S.; SOUZA, J. P. M.; VASCONCELOS, E. R. Espaços para o ensino de biologia e ciências no ensino fundamental e médio: Reflexões acerca das observações durante estágio supervisionado. **Revista Arquivos Científicos**, Macapá, v. 3., n. 1, p. 61-66, 2020.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Complexidade e dialogicidade no processo de formação de professores *In*: **Formação de professores: estratégias inovadoras no ensino de Ciências e Matemática**. v. 3, Recife: Editora da UFRPE, 2012. (Série Formação de Professores – PPGECC).

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores**. Recife: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Recife: Bagaço, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Sequência didática interativa no ensino de Ciências. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Estrategia Mundial del sector de la salud contra las Infecciones de Transmisión Sexual 2016- 2021**. Genebra: OMS, 2016.

Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/250253/?jsessionid=6DFD642122CE9CC2058C47C097CCEA60?sequence=1>. Acesso em: 01 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Sexual Health**. Genebra: OMS, 2001.
Disponível em: https://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acesso em: 18 jul. 2021.

PAPALIA, Diane Ellen; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PENA, Fábio Luís Alves; PENA-FILHO, Aurino Ribeiro. O uso didático da História da Ciência após a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Caderno Brasileiro de Ensino em Física** – UFSC: Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 48-65, 2009.

PINO, Aline Muras de Oliveira. **Diversidade sexual e educação: uma relação de desafios e possibilidades**. Natal: IFRN, 2017.

REIS, D. A.; VIEIRA-JÚNIOR, N. Games como estratégia de ensino de ciências para abordar o saneamento básico. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista-SP, v. 8., p. 12., 2019.

RODRIGUES, I. T.; FONTES, A. Identificação do Papel da Escola na Educação Sexual dos Jovens. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 177-188, 2002.

RODRIGUES, Francisco Rafael; CUNHA, Grace Anne; BRUNO, Raphael. Seminários temáticos como estratégia interdisciplinar de aprendizagem e desenvolvimento de competências em formação avançada. **Enciclopédia Biosfera**, Jandaia-GO, v. 11, n. 20, 2015.

ROMANOWSKY, Joana Paulin. **Formação e Profissionalização Docente**. 3. ed. Curitiba: Ibpx, 2007.

ROSA, C. W.; ROSA, A. B. O Ensino de Ciências (Física) no Brasil: da história às novas orientações educacionais. **Revista Ibero-americana de Educação**. Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, Madrid, v. 58, n. 2, num. esp. p. 1-24, 2012.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. **Pediatria**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, São Paulo, 2000.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Jandilene Alves da; SILVA, Maria Jeane da; ALVES, Sergilaine Camilo. **A aplicação da avaliação diagnóstica no ambiente escolar: um olhar reflexivo**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2014,

SILVA, José Pedro Guimarães da. Sequência didática interativa: uma proposta para o trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, M.M. (Org.). **Formação de professores: estratégias inovadoras no ensino de Ciências e Matemática**, v. 3, Série Formação de professores, Recife: Editora da UFRPE, 2012.

SILVA, L. S.; COTTA, R. M. M.; COSTA, G. D.; CAMPOS, A. A. O.; COTTA, R. M.; SILVA L. S.; COTTA, F. M. Formação de profissionais críticos reflexivos, metodologias ativas e aprendizagem Significativa. **Revista CIDUI**, Barcelona, n. 2, p. 1-16, 2014.

SILVA, M. **Avaliação da aprendizagem em educação online: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SILVA, S. M. da; SANTOS, J. L. P. dos; ROSA, A. C. da S.; COSTA, J. P. R. da; FERREIRA, R. da S. B.; SOUSA, J. R. R. de; CRUZ MATOS, J. da. Educação Sexual: Estratégias e obstáculos em uma escola pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, n. 35, e1653, 1 nov. 2019.

SILVA, Thais Gama da. **Protagonismo na Adolescência: A Escola Como Espaço e Lugar de Desenvolvimento Humano**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/M09_gamasilva.pdf. Acesso em 21 de jan. 2021.

SOUSA, Leandro Araújo de; PONTES-JÚNIOR, José Airton de Freitas; SILVA, Solonildo Almeida. **A Avaliação Educacional e Formação de Professores**. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2019.

SOUZA, M. C. (2012). **A “roda da vida” no ambiente escolar: uma vivência intergeracional em Educação Musical**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 2012.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID-NETO, J. O estado da arte da pesquisa em ensino de Biologia no Brasil: um panorama baseado na análise de dissertações e teses. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 273-297, 2012.

TUCKMANTEL, M. M. A sexualidade vai à escola: da informação biológico-reprodutiva à formação do sujeito ético. **Trilhas Pedagógicas**, Pirassununga – SP, v. 1, n. 1, p. 38-64, ago. 2011.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 4. ed. Campinas/Belo Horizonte: Papirus Editorial/Editora Puc-Minas, 2005.

VIVALDI, F. M. C. **A função social da escola: A implantação de um projeto institucional para a convivência ética**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 318 p., 2020.

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 1998.

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



CAV
CENTRO ACADÊMICO
DE VITÓRIA



PROFBIO
Mestrado Profissional
em Ensino de Biologia

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS CASTELO BRANCO

**PROTAGONIZANDO A APRENDIZAGEM SOBRE SEXUALIDADE HUMANA E
COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO, UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO**

Produto Educacional resultante do Trabalho de Conclusão de Mestrado – TCM apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – PROFBIO, do Centro Acadêmico da Vitória – CAV, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Simone do Nascimento Fraga

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2022**

PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional gerado a partir da pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino Ciências Biológicas – ProfBio, apresenta-se de forma a auxiliar professores que busquem por recursos dinâmicos como elemento motivador ao processo de ensino aprendizagem em um tema considerado por muitos sensível de ser tratado em sala de aula.

Trata-se de uma Sequência Didática (SD) intitulada: “PROTAGONIZANDO A APRENDIZAGEM SOBRE SEXUALIDADE HUMANA E COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO”.

A presente SD foi idealizada em um formato híbrido tendo momentos síncronos e assíncronos, presenciais e não presenciais, ou seja, momentos dentro e fora da sala de aula. Sendo composta por 10 momentos.

Sendo válido agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, sem a qual não seria possível o desenvolvimento de tal trabalho.

Momento 1:**Avaliação diagnóstica (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)**

Objetivo: Levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre mudanças corporais na adolescência, comportamento sexual de risco e suas consequências (gravidez na adolescência e IST) e métodos preventivos.

Este momento deve ser vivenciado de forma assíncrona e para um diagnóstico satisfatório acerca dos conhecimentos prévios propõe-se o questionário Q1 (Apêndice 1). Porém, nada impede que este questionário seja adequado a realidade vivenciada pelo educador.

O questionário deverá ser disponibilizado ao estudante com 6 dias de antecedência da primeira aula síncrona, tendo cada um deles o prazo de 24h a contar de seu recebimento para o seu preenchimento e devolução, que deve ser feito de forma individual e anônima, não havendo nenhuma marca que permita a identificação do estudante.

Tal preenchimento pode ser feito através da ferramenta google formulário e para os alunos que não tenham acesso a esta ferramenta o formulário pode ser entregue fisicamente para que o aluno o leve para casa com o compromisso de trazê-lo respeitando o prazo estipulado.

Momento 2: (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 1 hora/aula**Sequência Didática Interativa (SDI)**

Objetivo: construir um conceito de forma coletivo acerca do tema A Importância da Educação Sexual nas Escolas.

Neste momento se propõe a aplicação de uma Sequência Didática Interativa (SDI) que consiste em 3 passos:

1. Cada aluno deverá construir individualmente em um pedaço de papel fornecido pelo educador uma frase que responda a seguinte pergunta: “Por que devemos ter educação sexual na escola?”
2. A turma deverá ser dividida em grupos de no máximo 5 pessoas (esses grupos deverão ser mantidos ao longo de toda a sequência didática), a fim de redigir a partir das respostas dadas por cada estudante, um conceito que englobe os conceitos criados individualmente no passo 1.
3. Deve ser eleito um representante de cada grupo para participar de um novo grupo, que irão formar um novo conceito, tendo como base os conceitos construídos no passo 2 e que abranja as ideias expressas por todos os grupos.

Momento 3: (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)**Confronto da síntese de ideias prévias dos alunos com a literatura didática**

Objetivo: Fazer com que os estudantes comparem os conceitos debatidos e formulados com o apresentado na literatura didática disponível.

Com o conceito coletivo formulado no momento 2, indique a literatura didática, adotada pela escola e outras constantes da biblioteca, para que os alunos façam as leituras e comparem com conceito obtido no momento anterior de modo que se levantem novas questões de como o tema é tratado na escola. E se esse tratamento é adequado ou falho para levar uma boa formação sobre os temas.

Momento 4: (SÍNCRONA – PRESENCIAL) – 2h/aula**Elaboração de roteiro de entrevistas**

Objetivo: Apresentar e discutir um roteiro de entrevista com enfoque nas questões sociais e biológicas específicas da gravidez na adolescência.

<p>Discutir com os alunos prováveis perguntas para que seja realizada uma entrevista com alguém conhecido dos alunos que tenha experienciado a gravidez na adolescência, sugere-se que sejam feitas questões simples, como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com quantos anos você engravidou? - Você usava algum método contraceptivo? - Sua gravidez foi planejada? - Você recebeu apoio de sua família? - O que você pensou que aconteceria com o seu futuro diante da gravidez? - As coisas aconteceram da forma que você imaginou? - Você se sentiu apoiado(a) pela seu(a) parceiro(a)? <p>Essas sugestões são apenas sugestão, elas não impedem que as perguntas sejam adequadas a realidade de cada cenário vivenciado por cada professor.</p>
<p>Momento 5: (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Entrevista de campo</p> <p>Objetivo: Proporcionar um olhar crítico sobre as consequências de vivenciar uma gravidez na adolescência.</p> <p>Deverá ser agendada em local a ser combinado entre uma pessoa que vivenciou a gravidez na adolescência e o grupo de alunos com a presença preferencialmente do professor ou de um maior responsável, uma entrevista na qual serão aplicadas as perguntas da etapa anterior.</p>
<p>Momento 6: (SÍNCRONA – PRESENCIAL)</p> <p>Tratamento dos dados levantados nas entrevistas</p> <p>Objetivo: produzir conhecimento acerca do tema gravidez na adolescência com base no obtido nas entrevistas de campo da etapa anterior.</p> <p>A partir das respostas dos entrevistados e entrevistas os alunos de cada grupo deverão expor suas impressões e com base do vivenciado até aqui; propor maneiras de que a falta de informação, o excesso dela, ou a distorção sobre o tema abordado podem influenciar o jovem a se prevenir de uma gravidez indesejada. Isso deverá ser executado em 1h/aula.</p>
<p>Momento 7: (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 2h/aula</p> <p>Roda de conversas</p> <p>Objetivo: Oferecer ao estudante um momento com uma equipe multidisciplinar onde eles possam tirar dúvidas de cada um.</p> <p>Através de parcerias com posto de saúde Organizações não governamentais, convida-se um profissional de saúde (médico(a) ou enfermeiro(a); psicólogo(a) e ex- alunos e alunas que tenham vivenciado a gravidez na adolescência) para que em roda de conversa na qual os alunos são separados por gênero para a retirada de dúvidas e onde sejam falados os principais métodos contraceptivos e as formas de uso além das principais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).</p> <p>Neste momento os profissionais devem se revezar entre os dois espaços e caso seja possível ter uma equipe para cada espaço.</p>
<p>Momento 8: (ASSÍNCRONA – NÃO PRESENCIAL)</p> <p>Construção de Infográficos do IST's</p> <p>Objetivo: Elaborar infográficos com base no estudado na aula anterior, no qual figure uma Infecção Sexualmente Transmissível, suas formas de transmissão e prevenção.</p> <p>Cada grupo de alunos deverá com base no vivenciado em seus estudos e em suas próprias pesquisas, construir infográficos com uma IST, suas formas de contágio e prevenção.</p>
<p>Momento 9: (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 2h/aula</p> <p>Ciclo de seminários</p> <p>Objetivo: Fazer com que os alunos exercitem o seu poder de exposição oral e síntese de pensamento.</p>

Deve se realizar seminário onde os educandos deverão expor seus infográficos explicando seus mínimos detalhes e respondendo possíveis questionamentos que surjam.

10 - (SÍNCRONA – PRESENCIAL) 1/aula

Avaliação da SD

Objetivo: avaliar a eficácia da sequência didática aplicada.

Para avaliar a eficácia da SD, sugere-se a aplicação de um terceiro questionário (Q3 – Apêndice 3), que da mesma forma que no Q1, pode ser modificado a fim de adequar-se a cada realidade.

APÊNDICE B – Questionário 1 – Q1

Este questionário está dividido em duas partes. A primeira que trata de aspectos sócio - econômicos e uma segunda parte relativa aos conhecimentos específicos relacionados aos temas gravidez na adolescência e comportamentos sexuais de risco. O participante tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

1 – QUESTÕES SÓCIO – ECONÔMICAS

1.1 Data da entrevista: ___/___/___

1.2 Gênero/Sexo: () Masculino () Feminino () Prefiro não dizer

1.3 Data de nascimento: ____/____/____

1.4 Idade em anos:

() 13 anos

() 14 anos

() 15 anos

() 16 anos

() 17 anos

1.5 Qual o seu estado civil?

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- União estável
- Divorciado (a)

1.6 Em que município nasceu: _____

1.7 Em que município você mora atualmente? _____

1.8 Há quanto tempo você mora em seu atual município? _____

1.9 Quantas pessoas residem com você? _____

1.10 Qual a renda mensal de sua família?

- Menor que um salário mínimo
- Entre 1 e 3 salários mínimos
- Entre 3 e 5 salários mínimos
- Acima de 5 salários mínimos

1.11 Qual o grau de instrução de seu pai ou responsável?

- Não possui pai ou responsável do sexo masculino
- Analfabeto
- Apenas escreve o nome
- Apenas lê
- lê e escreve
- Ensino Fundamental 1 incompleto
- Ensino Fundamental 1 completo

- Ensino Fundamental 2 incompleto
- Ensino Fundamental 2 completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Especialização incompleta
- Especialização completa
- Mestrado
- Doutorado
- Pós – doutorado

1.12 Mãe ou responsável do sexo feminino

- Não possui mãe ou responsável do sexo masculino
- Analfabeto
- Apenas escreve o nome
- Apenas lê
- lê e escreve
- Ensino Fundamental 1 incompleto
- Ensino Fundamental 1 completo
- Ensino Fundamental 2 incompleto
- Ensino Fundamental 2 completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Especialização incompleta
- Especialização completa
- Mestrado

Doutorado

Pós – doutorado

<p>1. QUESTÕES ESPECÍFICAS RELACIONADAS AOS TEMAS GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTOS SEXUAIS DE RISCOS</p>

2.1 Que nível de conhecimento julga possuir sobre temas relacionados à sexualidade humana e comportamentos sexuais de risco?

- Muito baixo
- Baixo
- Médio
- Alto
- Muito alto

2.2 Já participou de alguma atividade, evento, curso, seminário, programa ou aula sobre Educação Sexual? Se sim responda as questões 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3, se não passe para a questão 2.3.

- Sim
- Não

2.2.1 Se sim qual? Se não passe para a pergunta 2.3 (marque quantas achar necessário).

- Aula na escola
- Curso de curta duração
- Projeto social
- Palestra realizada por profissional de saúde
- Palestra realizada na igreja
- Outro

2.2.2 Se sim, quantas horas frequentou na totalidade?

- 1 a 4 horas
- 5 a 8 horas

- 9 a 12 horas
- 13 a 16 horas
- 17 horas

2.2.3 Se sim, em que contexto participou deste curso, seminário, programa ou aula?
(marque quantas achar necessário).

- No Ensino Básico e Secundário
- Na Universidade
- Em Serviços de Saúde
- Na Igreja (ou local de culto)
- Outros

2.3 Qual (is) situação(ões) abaixo você considera como experiência sexual? (marque quantas achar necessário).

- abraço
- Beijo
- Sexo vaginal
- Sexo Anal
- Sexo Oral

2.4 Você já experienciou o sexo? O beijo na boca também é considerado uma experiência sexual. Se sim responda a questão 2.4.1, se não, passe para a questão 2.5.

- SIM NÃO

2.4.1 Se sim, de que forma? (marque quantas opções desejar)

- beijo
- sexo vaginal

sexo anal

sexo oral

2.5 Na sua opinião, qual a idade ideal para se ter a primeira experiência sexual?

Até 14 anos

Entre 14 e 16 anos

Entre 16 e 18 anos

Entre 18 e 24 anos

Não existe uma idade ideal

2.6 Você se sente à vontade de falar sobre questões relativas ao sexo e a comportamento sexual de risco com outras pessoas?

SIM NÃO ÀS VEZES

2.7 A quem você recorre quando tem dúvidas sobre questões ligadas ao sexo e ao comportamento sexual de risco? (Enumere de 1 a 6 em ordem crescente de consulta sobre o tema, onde 1 é a primeira fonte que você recorre e 6 é a última fonte que você recorre quando tem dúvidas sobre questões ligadas ao sexo e ao comportamento sexual de risco)

Família

Amigos

Professores

Profissionais da área de saúde (médicos, psicólogos, enfermeiros)

Internet

Igreja

2.8 Você conhece alguém que se tornou pai ou mãe na adolescência?

SIM NÃO

2.9 Considerando que engravidar na adolescência possa trazer ou não algum tipo de prejuízo para a vida do e da adolescente, marque a alternativa que mais se enquadra na sua opinião.

- nenhum prejuízo tanto a mãe quanto o pai continuam suas vidas normalmente.
- algum prejuízo, a mãe sempre fica com a maior responsabilidade em relação a criança.
- algum prejuízo, a responsabilidade é sempre dividida igualmente para o pai e a mãe.
- algum prejuízo, o pai fica com a maior responsabilidade em relação a criança.
- prejudica de forma severa, a vida dos pais.

2.10 O número de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, na sua opinião isso tem ocorrido por:

- Falta de informação
- Mesmo tendo acesso a informação as pessoas não utilizam essas informações para se prevenir de tais infecções.
- Pura fatalidade

2.11 Numa escala de 1 a 5, em que 1 significa que você se sente muito inseguro(a) e 5 muito seguro(a), sobre o tema proposto, classifique seus conhecimentos sobre algumas questões relativas à tema educação sexual: sobre os temas na adolescência.

Sexo

1 2 3 4 5

Infecções sexualmente transmissíveis (IST)

1 2 3 4 5

Gravidez

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

2.12. Segue-se uma lista de possíveis métodos contraceptivos. Para cada item assinale o grau de conhecimento em relação a cada um.

	Nunca ouvi falar	Já ouvi falar	Conheço a forma de uso
Preservativo masculino			
Preservativo feminino			
DIU			
Diafragma			
Pílula anticoncepcional diária			
Pílula do dia seguinte			
Adesivo contraceptivo			
Implante			
Coito interrompido			
Contraceptivo injetável			

2.13 De maneira semelhante ao realizado na questão 2.12, assinale a sua frequência de utilização dos métodos contraceptivos.

	Nunca usei	Uso algumas vezes	Sempre uso
Preservativo masculino			
Preservativo feminino			
DIU			
Diafragma			
Pílula anticoncepcional diária			
Pílula do dia seguinte			

Adesivo contraceptivo			
Implante			
Coito interrompido			
Contraceptivo injetável			

APÊNDICE C – Questionário 2 – Q2

Este questionário é relativo aos conhecimentos específicos relacionados aos temas gravidez na adolescência, comportamentos sexuais de risco e infecções sexualmente transmissíveis. O participante tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Data da entrevista ____ / ____ / ____

1. Cite pelo menos 3 (três) infecções sexualmente transmissíveis (IST) que levariam você a se proteger no ato sexual.

- a) Cancro mole
- b) Candidíase
- c) Condiloma (HPV)
- d) Gonorréia
- e) Granuloma
- f) Tricomoníase
- g) Herpes
- h) Linfgranuloma
- i) Sífilis
- j) Aids (HIV)

2. Responda com Verdadeiro [V] ou Falso [F] às seguintes afirmações sobre as IST.

[] As IST surgiram como consequência do comportamento homossexual.

[] Os insetos que se alimentam de sangue humano podem transmitir IST.

[] As IST têm esta designação pelo facto da sua forma de contágio ser exclusivamente por via sexual.

- A prática de sexo anal é o comportamento que têm menor risco na transmissão de IST.
- Uma relação sexual ocasional é suficiente para uma pessoa poder contrair uma IST.

3. Selecione com um X a opção que considerar mais ajustada aos seguintes comportamentos quanto ao risco face às IST.

	Nenhum	Baixo	Elevado
a) Risco de contrair IST			
b) Ter relações sexuais com prostitutas(os) sem preservativo.			
c) Usar o preservativo em todas as relações sexuais.			
d) Ter uma relação amorosa fiel e de longa duração.			
e) Conhecer o passado sexual e o estado de saúde do(a) parceiro(a).			
f) Abraçar pessoas contaminadas com IST.			
g) Praticar sexo casual sob o efeito de álcool ou drogas.			
h) Recusar ter relações sexuais não protegidas.			
i) Ser abstinente sexual.			
j) Tomar a pílula segundo as recomendações médicas como forma principal de proteção das IST.			
k) Praticar sexo casual com desconhecidos sem preservativo.			
l) Praticar sexo não protegido apenas com as pessoas de quem se gosta.			

4. Relativamente aos métodos contraceptivos, classifique as seguintes afirmações em Verdadeiro [V] ou Falso [F].

- O coito interrompido é um método pouco eficaz de prevenção de uma gravidez não desejada.
- A pílula contém hormônios sexuais que facilitam a ovulação.
- A pílula do dia seguinte não pode ser considerada um método contraceptivo.

O preservativo tem uma taxa de segurança na prevenção da gravidez em torno de 98%.

Os efeitos da pílula podem ser inativados quando associada a outros medicamentos como, por exemplo, antibióticos.

5. Qual o período em que uma mulher tem maior probabilidade em engravidar? (Escolha a opção correta)

- a) Durante os dias da menstruação.
- b) Nos 5 dias após a menstruação.
- c) Entre 10 e 20 dias após a menstruação.
- d) Nos 5 dias anteriores à menstruação.

6. Cada uma das seguintes afirmações podem ser respondidas por Verdadeiro [V] ou Falso [F]. Indique a sua compreensão/posição relativa à cada declaração, utilizando as seguintes sentenças:

A puberdade é o período em que os humanos atingem a maturidade dos órgãos sexuais.

Após a puberdade, as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres acentuam-se.

A prática da masturbação induz determinadas condições de instabilidade mental.

A virgindade nos jovens é um sinal de fraqueza pessoal ou incapacidade em atrair parceiros(as).

Sentir-se sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo é sinal de doença mental.

A homossexualidade é um comportamento que surgiu após a Revolução Industrial.

A capacidade em resistir à pressão sexual dos outros sobre nós é um elemento importante do nosso bem estar físico e emocional.

Está demonstrado que a exposição a determinados conteúdos televisivos pode induzir crianças e adolescentes a terem experiências sexuais.

Podemos considerar que as crianças e os idosos são pessoas sexualmente inativas.

] Historicamente, a sexualidade feminina foi mais reprimida que a sexualidade masculina.

7. Tendo em vista os seus conhecimentos atuais, você diria que a educação sexual é importante ser vivenciada no ensino médio?

) SIM () NÃO

8. Você acha que os conhecimentos adquiridos nas últimas aulas influenciarão ram seu comportamento sexual acerca da sexualidade:

) de maneira nenhuma

) muito pouco

) consideravelmente

) totalmente

10. A partir do vivenciado, você se considera mais preparado para falar sobre sexualidade?

) SIM () NÃO